

CINQUENTA ANOS DE VIDA DEDICADOS À LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

ENTREVISTA COM A ESCRITORA
PORTUGUESA LUÍSA DUCLA SOARES

FIFTY YEARS OF LIFE DEDICATED
TO CHILDREN AND YOUTH LITERATURE
INTERVIEW WITH THE PORTUGUESE
WRITER LUÍSA DUCLA SOARES

Maria Célia Bruno Mundim¹

¹ Pós-doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. É pesquisadora colaboradora do grupo de pesquisa Avaliação Psicológica do Potencial Humano da mesma instituição e do grupo de pesquisa Pensamento Crítico da Universidade de Salamanca (Espanha). Email: celiamundim@gmail.com

Luísa Ducla Soares nasceu em Lisboa em 20 de julho de 1939. É formada em Letras/Filologia Germânica pela Universidade Clássica de Lisboa. Atuou como tradutora (de inglês, francês e italiano), jornalista, consultora literária, adjunta do Gabinete do Ministro da Educação (1976-1978) e como assessora principal na Biblioteca Nacional de Portugal (1979-2009). Dentre as atividades realizadas na Biblioteca Nacional, realizou pesquisas bibliográficas sobre a literatura infantil para catalogação e exposições de livros infantis. Além disso, organizou os sites de Internet da Presidência da República, voltados para o público infantil e juvenil, durante o governo de Jorge Sampaio (1996-2006) e escreveu roteiros acerca da língua portuguesa para o programa de TV “Alhos e Bugalhos” (2001) destinados ao mesmo público. Também, participou da Associação Portuguesa de Escritores como membro da direção. É sócia-fundadora do Instituto de Apoio à Criança e tem desenvolvido ações em escolas portuguesas para o incentivo à leitura. Neste ano celebra 50 anos de vida literária, sendo grande parte da sua obra dedicada à crianças e jovens. Até o momento publicou 180 livros, dentre eles poesias, contos, trava-línguas e lengalengas. Tem obras traduzidas para o francês, basco, catalão, galego, inglês, chinês, holandês, alemão e italiano, além daquelas musicadas e editadas em CDs por compositores portugueses.

Prestigiada como uma das escritoras mais importantes da literatura infantil e juvenil portuguesa, Luísa recebeu os seguintes prêmios: 1) “Grande Prêmio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças e Jovens” (1986) pela obra *6 Histórias de Encantar*, 2) “Grande Prêmio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças e Jovens” (1996) pelo conjunto da sua obra, 3) “Medalha de Honra” (2009) pela Sociedade Portuguesa de Autores. O primeiro prêmio que lhe foi atribuído pela obra *A História de Papoila*, “Grande Prêmio de Literatura Infantil Maria Amália Vaz de Carvalho” (1973), foi recusado pela escritora por motivos políticos. Também, recebeu indicação para o “Prêmio Hans Christian Andersen da IBBY (*International Board on Books for Young People*)” (2004), considerado o Prêmio Nobel da Literatura Infantil, indicação para o “Prêmio Ibero-Americano SM de Literatura Infantil e Juvenil” (2010) e ao “Prêmio ALMA - *Astrid Lindgren memorial Award*” (2019).

Quanto à sua produção literária, destacam-se, entre outros: *Meninos de todas as cores* (1975) [adotado pela UNICEF, no ano de 1990, para uma campanha contra

o racismo e a segregação], *AEIOU - História das Cinco Vogais* (1980), *Histórias de Bichos* (1981), *Poemas da Mentira... e da Verdade* (1983), *A Vassoura Mágica* (1986), *Os Ovos Misteriosos* (1994), *A Gata Tareca e Outros Poemas Levados Da Breca* (1999), *A Cavalinho no Tempo* (2003) e *Quem dá asas às palavras* (2016).

Luísa nos concedeu a entrevista², pessoalmente, em sua residência em Lisboa, possibilitando-nos conhecer seu vasto e precioso trabalho. No diálogo estabelecido, falou sobre seu interesse pela escrita para o público infantil e juvenil, seu processo criativo de trabalho e sobre a atividade voluntária realizada junto às escolas na formação de leitores.

1. Como a senhora começou a escrever para crianças?

Olhe! A princípio eu pensei em ser uma escritora só pra adultos e nunca pensava em escrever pra crianças. E comecei a escrever quando era nova, mas não escrevia para crianças; para adultos [risos] aos 12 anos, 13, 15, tal... E fui... não publicava as coisas. E o primeiro livro que publiquei foi um livro de poesia pra adultos que se chama *Contrato* e depois, um dia, por brincadeira, escrevi um livro para crianças que era *A História da Papoila*. Fui à uma editora por onde eu já tinha feito algumas traduções, porque fiz traduções também pradinheiro, não é? E quem estava a frente da editora era o José Saramago e José Saramago disse-me: “Olhe! Deixe ficar aqui o original e venha pra cá a um mês, que logo lhe digo!” Então fui lá passado um mês. Ele aceitou-me o livro, arranjou-me um bom ilustrador até! E depois, pra minha sorte ou pro meu azar, pretenderam atribuir àquele livro, *A História da Papoila*, o maior prêmio de literatura infantil, que era o Prêmio Maria Amália Vaz de Carvalho. Atribuíram-no em texto e em ilustração! Eram logo as duas coisas! Claro! O Saramago era o editor literário, não era o dono da editora e eu disse que não aceitava o prêmio que me era dado por um governo que não

2 Parte da entrevista realizada de forma anônima em setembro de 2013, durante o doutorado sanduíche da autora na Universidade do Minho (bolsa CAPES - nº processo 2888/13-0), foi autorizada pela escritora para publicação em 2020, por ocasião da comemoração dos 50 anos de sua carreira literária.

deixava os escritores escreverem. Nessa altura, eu trabalhava para o “Diário Popular” que era um diário bastante conhecido. Tinha uma página infantil e vários contos que eu tinha escrito para o “Diário Popular” que eram cortados na íntegra, porque nessa época não se podia falar de pobreza, não se podia falar de guerra, não se podia falar de paz, não se podia falar de uma série de temas que podiam se relacionar com o que se passava cá, não é? E então pensei que isto era uma incongruência eu ir aceitar o prêmio se nem sequer posso escrever. Também nessa época tinha sido fichada um pouco antes. Tinha sido fichada na seção portuguesa de escritores, porque tinha dado um prêmio literário ao Luandino Vieira [pseudônimo literário de José Vieira Mateus da Graça], um escritor português que vivia em Angola e que era contra o regime. Então não fizeram mais nada se não fechar a seção portuguesa de escritores, que é a casa de todo escritor, não é? E pronto! E faziam uma censura à todos os jornais. Chegava a ver os jornais que tinham páginas em branco com as coisas que eles tinham cortado. E, no fim, era proibido também em pôr coisas em branco, que era pras pessoas não terem noção de que a censura andava a cortar, que eles tinham a dizer com os anúncios para fingir que aquilo tinha sido cortado pela censura. Quer dizer, então não aceitei! Mas o Saramago disse-me assim: *“Olha Luísa! Você fez muito bem não aceitar! Sabe que mais, eu quero que você me faça 6 livros para serem publicados pro ano!”* E eu que pensava em escrever mais nada pra crianças, pensei: *“Por que que não vou aceitar o desafio do Saramago?”* E escrevi 6 livros. Isto que foi minha desgraça, porque comecei a entusiasmar-me pela psicologia das crianças também, portanto (a psicologia) dos meus filhos também. E foram nascendo, comecei a entusiasmar-me pela psicologia das crianças e pela maneira... que no fim é um pouco especial de escrever pra elas. E olhe! Fui apanhada por esse vírus! Portanto modifiquei a minha vida! Depois também outra coisa, comecei a descrer cada vez mais de certas coisas dos adultos, quer que lhe diga! Comecei a pensar que muitas pessoas que para mim pareciam pessoas impecáveis, pessoas maravilhosas até, na verdade não eram! E depois de 25 de abril [com o fim da ditadura no país] isso ficou

muito mais nítido! Porque antes de 25 de abril, por exemplo, as pessoas que eram opositoras ao Fascismo então, estavam todas unidas e eram amigas e pronto! Confraternizavam muito! Depois, cada um começa a procurar sua capelinha, cada um começa em guerra com os outros, criaram-se inimizades das pessoas que eram muito amigas... E pessoas que eram minhas amigas, que eu considerava profundamente amiga, vi-me afinal afastadas delas por essas questões das políticas. E comecei a pensar que tantas coisas com que eu tinha sonhado e que eu achava importantes... Isso tava a me desiludir de tal maneira, que eu comecei a pensar a apostar nas crianças!

2. Poderia descrever seu processo de trabalho?

Eu em geral trabalho sozinha. Fico a dedicar às minhas coisas. Se é poesia, por exemplo, eu acordo cedo, lá pras seis e tal da manhã. Então é a altura que me vem muitas ideias. Eu às vezes até sonho poesias e até acordo com as poesias todas feitas com métricas, rimas e tudo! E se as escrever, elas estão feitas. Se deixo passar cinco minutos elas desaparecerão. Então quando acordo, deixo-me até ficar na cama que é pras ideias me virem! Pra poesia, principalmente, as ideias vêm-me e as palavras também e fico lá com as coisas completamente feitas. Depois quando me levanto, já estou num estado de vigília, não é? Do que pensei de noite. Estas já são pensadas num estado de vigília após o sono e então depois levanto-me e escrevo-as. Gosto de trabalhar sozinha e preciso mesmo de silêncio e de solidão. O que não quer dizer que não faça coisas em grupo. Eu, por exemplo, este ano trabalhei muito em conjunto. Tive a fazer uma antologia de poesia para crianças a pedido da editora. Por exemplo, tive a fazer um trabalho com uma professora primária e estivemos há uns cinco meses a trabalhar nos fins de semana nesta mesa, porque era a melhor que eu tenho e colocava a papelada toda, não é? Então fazíamos as nossas escolhas disto, daquilo, do que era por temas. Era sobre dois temas diferentes e não sei quantos autores. Tivemos que fazer um grande jogo pra aquilo dar certo e ler muita coisa. E também gosto de trabalhar as-

sim, trabalhar no livro escolar em conjunto. Tenho trabalhado ultimamente muito a fazer letras pra canções com um músico. Então escolhemos o tema e combinamos as... enfim... Agora estou fazendo sobre o ambiente. Então, escolho mais ou menos os títulos dos poemas que quero e depois me lembro de outros, não é? Também fiz um poema sobre o buraco de ozônio assim, além das coisas normais, não é? Já fiz outros sobre os animais, outros sobre assim, meio humorístico, com coisas um bocado humorísticas, engraçadas. Depois fiz outro de lenga- lengas e trava-línguas. Fiz um outro com outra compositora que se chama 25, porque foi editado no dia vinte e cinco de abril e também tem haver com as minhas opções políticas e sociais e esta coisa toda. Pronto! E isso é um trabalho conjunto e não conjunto, porque escrevo as poesias sozinha, mas depois trocamos impressões, mudamos as coisas dando em conta como aquela música ali fica, não é? Depois tem de fazer as gravações. Eu gosto também de fazer soluções diferentes pro mesmo... Por exemplo, pra esses poemas, o mesmo tema eu faço vários poemas diferentes, porque acho que pode ter muitas abordagens. Também faço, mas não publico, fins diferentes pra uma história. Faço 4 ou 5 fins diferentes. Gosto de ir inventando coisas, né!

3. Como a senhora desenvolve uma ideia/livro? Poderia relatar como se dá esse desenvolvimento por meio de um exemplo?

Eu sou meio louca! Eu sou meio louca! [risos]. Às vezes aparece uma palavra... Por exemplo, uma palavra qualquer e aquela palavra de repente fica assim, repetiste aquela palavra, a palavra gira e prendo nela. Eu posso não ter até ideia nenhuma e pegar nela e começar com ela uma história, um poema. Só porque aquela palavra foi... uma espécie de um *happening* e não sei onde vou ter. Não sei se vou escrever sobre isto ou sobre aquilo ou sobre aquilo outro. E gosto de deixar às vezes o subconsciente andar à vontade e então pode acontecer muitas coisas, não é? Claro! Chega uma altura que nós

vemos que as coisas já tem uma determinada direção. E então aí já a pessoa começa a ter talvez um sentido um pouco crítico. Mas gosto de pensar, por exemplo, embrenhar-me numa floresta, meto-me por um atalho e é como se fosse a palavra. Aquele primeiro pezinho que eu ponho aqui é como se fosse a primeira palavra. E depois vou andando e não sei por onde vou ter! Posso encontrar pessoas maravilhosas, bichos extraordinários, árvores fantásticas, seres inimaginados. Posso encontrar também um assassino, posso encontrar... Tudo pode acontecer! E digo-lhe que acho isso uma sensação boa! Nós pensarmos que estamos a criar o mundo. Mas também faço coisas por encomenda! [risos]. Às vezes a encomenda é um desafio! E até é muito giro [interessante] fazer coisas por encomenda em alguns casos! Por exemplo, tive muitas encomendas! Uma delas era, por exemplo, escrever um livro no centenário de Eça de Queirós. Então não escrevi um, escrevi três. Aquilo puxou por mim e como gostava muito do Eça de Queirós e gosto, escrevi um sobre a infância do Eça de Queirós e falando também dos personagens infantis que aparecem na obra dele. Depois escrevi outro que são passeios em Lisboa com o Eça de Queirós pelas terras, pelas ruas onde ele andava e pelas casas onde viveram (os personagens). Disse que vivia a andar a pé, não é? Eu andava de rua em rua a procurar onde era a casa onde morava essa personagem de “Os Maias”, a outra da Rua das Flores, a outra não sei do que... a procurar a identificar todas as casas onde morava... Agora, por exemplo, pra própria editora tinha um pedido que estava assim encravado, pois tinha um livro que era história com letras e, então, eram histórias... Por exemplo, uma sobre o A em que apareciam histórias com a letra A. Então, pediram à mim para fazer histórias com números. Olha! Eu já tinha feito três livros sobre números! E está a lembrar daquele bocado que já fiz! Mas depois um dia de repente, não sei como, acho que é... fugaz que aparecem... De repente vem uma ideia e pronto, então escrevi todas em seguida! Sim! Mas pra essas tive meses até me vir a ideia! Fui fazendo outras coisas, porque era uma coisa que eu estava contra aquilo! Claro que eu poderia ter sentado e escrever uma coisa sem sentir inspiração nenhuma! Qualquer pessoa faz, não é? Até

um aluno que tem que fazer uma redação também faz!

4. O que a senhora pensa sobre influências meteorológicas no seu processo de criar? Há algum tempo especificamente que a inspira a criar?

Eu acho que os estados meteorológicos me inspiram todo ano. Inspiram nos temas. Por exemplo, eu quando estava na biblioteca [a escritora trabalhou na Biblioteca Nacional de Portugal em Lisboa, de 1979 a 2009] não tinha muito tempo livre, não é? Porque tinha que cumprir aqueles horários. Então, às vezes eu escrevia aos fins de semana a aproveitar o tempo que tinha livre a escrever, mas também a inspiração não a carrega num botão e não aparece logo; às vezes aparece e outras vezes não. Então, tava ali sentada e chovia! Foi um ano que só chovia! Chuva, chuva todos os dias! Chuva, chuva, chuva, chuva! Então a chuva entrou de tal maneira em mim que eu senti que só podia escrever sobre chuva. Então fiz um livro que até teve bastante êxito que se chama *A Princesa da Chuva*. Agora não posso dizer que não escreva nos dias de sol, nos dias de... Olha! Quando tá muito frio que não consigo escrever, porque fico muito gelada! Em temperaturas extremas não consigo trabalhar!

5. Que importância atribui à racionalidade e à intuição em seu trabalho?

Olhe! A intuição acho que tem muita importância no desenvolvimento da escrita e certamente também nas outras artes, não é? Mas acho que nunca posso deixar de pensar ou de transmitir o que eu racionalmente penso. E é a tal coisa – mesmo que eu me enveredo por uma floresta e não sei por onde vou ter, depois as professoras dizem: “*Há! Tem isto aqui pela solidariedade, contra o racismo... Isto contra não sei o quê... Isso a favor da liberdade... tá tá tá...*” Inventam pra lá suas coisas e são verdades que eu não procurei racionalmente a meter. Mas quando uma pessoa escreve, escreve-se a si própria, não é? E, portanto, quer ou quer não, transmite visões do mundo que cor-

respondem ao seu pensamento. O que eu nunca procuro, que eu detesto, é dar lições de moral. De fazer um texto agora e... *“Deve fazer isto, deve fazer aquilo... E aquele comportou-se mal e depois aconteceu-lhe essa desgraça...”* Não! Simplesmente... Claro! Eu tenho ideias políticas, tenho ideias cívicas, tenho ideias sociais, tenho... Isso... E é possível e natural que elas sejam abordadas nas obras, mesmo que eu não esteja a fazer nada por isso!

6. A senhora tenta convencer as crianças sobre suas convicções?

Como faz?

Nas escolas... Na escola eu acho que é um meio onde é mais fácil as pessoas acabarem por serem influenciadas. Eu acho que sim! Eu não vou pra lá dar lição de moral de forma nenhuma, mas o que eles fazem sempre são entrevistas aos escritores. Então perguntam se podem perguntar o que quiserem e, então, eles fazem todas as perguntas que querem. Então, eu ao responder aquilo que eles querem saber, vou dizendo aquilo que penso! Mas eles também podem só querer saber coisas superficiais. Muitos querem saber de coisas mais profundas, não é? Depende! Gosto de dar liberdade a eles para acharem que eles que estão dirigindo a sessão.

7. Consegue identificar crianças que poderão se desenvolver na área em que atua e ser bem-sucedidas?

Sim! Sim! Eu encontro miúdos fantásticos, fantásticos, fantásticos! Eu tenho pena de não poder seguir a carreira deles, porque com certeza são miúdos com potencialidades enormes! Eu vou quatro vezes por semana às escolas e uma das coisas que os miúdos me fazem é oferecer os trabalhos deles. E há miúdos que se exprimem tão bem e tem uma visão da vida tão fantástica que eu tenho pena de não ter aqueles miúdos.

8. E quais características percebe nessas crianças?

Uma grande perspicácia e sensibilidade.

9. Para concluir a entrevista, a senhora poderia falar sobre qual tarefa ou desafio lhe é importante atualmente?

É procurar junto das crianças em geral, nas escolas como lhe digo, fazer com que elas sintam como é importante não só ler, porque quem me convida é para incentivá-las a ler. Não é só ler, é comunicar e compreender os outros e saber relacionar-se. Acho isso mais importante! Tanto faz que seja na escrita, por música, tanto faz que seja por um abraço, tanto faz que seja por linguagem gestual. Qualquer maneira! Acho isso mais importante... [pausa breve]. O melhor prêmio pra mim é ir às escolas e ver que os miúdos gostaram daquilo que eu fiz e que aquilo ascendeu alguma chama neles! [complementa].